



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡

LIÇÕES

AO MEU AFILHADO FERNANDO

P O R D Y N E T T E

Desenhos de CASTANÉ

— «VÁ estudar a sua lição, Fernando!» dizia a voz esganicada e aguda da boa Miss Joan.
Mas o discípulo, um endiabrado rapazito de nove anos, um vivo demonico, continua-

va a colorir o seu álbum com grandes ares de superior entusiasmo.

Tinha uma queda especial para o desenho, o garoto, e, com um gosto, uma arte superior à sua pouca idade, copiava quanto via com tanta habilidade que dir-se-ia possuir já muito estudo.

Mas, nêsse momento, a pintura era apenas um pretexto, simples estratagemma para deixar passar a hora, mil vezes execravel, de estudar as lições.

Fernando era bulicoso, cheio de vida, de inteligência vivíssima e cheio de uma intensa curiosidade de saber, mas as lições representavam para êle horas de sujeição, de forçado sossego e, sobretudo, de severas reprimendas, pois o seu espírito, irrequieto e sempre em ebulição, se distraía por qualquer cousa.

O professor era seu próprio pai, um homem excelente, de bello coração e doído pelo filho único herdeiro da sua fortuna e do seu nome e queria vê-lo transformado num poço de sciência, num verdadeiro portento,

Rispido, duma severidade exageradamente antiquada, de mão férrea (como êle se gabava orgulhoso) tratava o pequeno como um ser inferior e queria ser obedecido, cegamente, à primeira ordem, sem réplica nem demora.

Resultados: Fernando era acanhado, tímido diante de seu pai, falando a medo, balbuciando como um bebé ou um culpado e exalando um «ah» de profundo alívio ao sentir a porta da rua fechar-se à sua saída.

Nêsse momento, adeus obediência, juízo, modos sizados; era um cantarolar desenfreado, correrias pelos corredores e pela escadaria que levava aos quartos, risos e tais desmandos, que só a muita paciência da Mãe e da «Miss», sua antiga «nurse» e hoje amiga de todos, o poderiam aturar.

Por isso, nêsse dia em que o pai saíra mais cedo, cansado já de correr no jardim e jogar o «foot-ball» com o filho do caseiro, o António, Fernando fazia ouvidos de mercadores aos pedidos irritados e assustados de «Miss».

— O' menino, se amanhã não souber as lições quem há de ouvir o seu paizinho! Vá estudar, ande! teimava ella pe-la vigéssima vez, no mesmo tom murmurante.

(Continúa na 4.ª pagina)



IR BUSCAR LÃ e...

■ POR MORENITA ■
Desenhos de Castañé

O lobo foi uma tarde bater á porta da sua comadre raposa, sendo por esta recebido.

— Comadre e amiga (disse êle, mal entrou) tenho entre mãos um negócio de truz e como a comadrezinha é muito inteligente...

— Sim, sim — atalhou a raposa — e depois, e depois, o que é o negócio?

— Não se impaciente, comadre, não se impaciente. Conhece o quintal do regedor?

— Como as minhas mãos.

— Pois bem, ontem, estava eu dormindo a sesta á sombra do muro, quando ouvi um grande barulho; primeiro assustei-me mas depois, pondo-me a escutar, percebi que a criada tinha ido levar mais dois casais de frangos á capoeira.

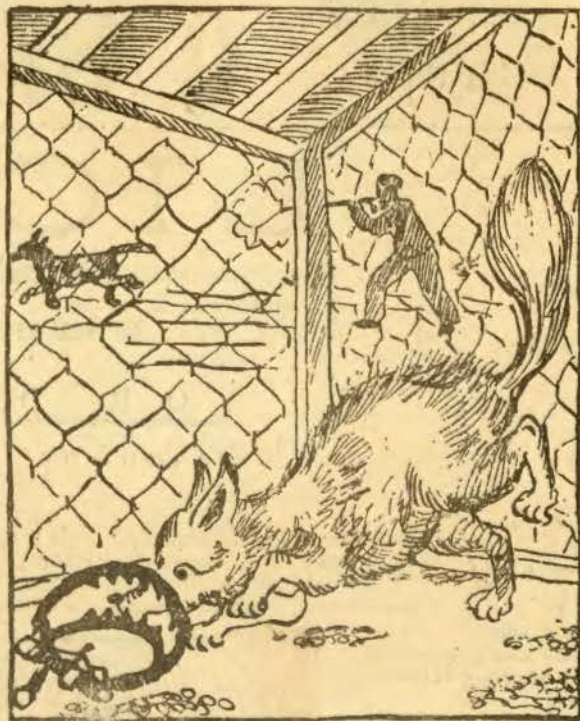
— Sim, sim, mas o pior é o cão, aquele maldito que dorme ao pé da capoeira...

— Não se assuste, comadre; que conceito faz de mim? Então eu havia de vir importuná-la só por prazer?

— Então diga, diga o resto, diga depressa.

— Pois bem, o cão foi levado pela mesma criada para dentro de casa e, dali a pouco, vi-o entrar num carro com a filha e a mulher do regedor em direcção á quinta.

Espreitei esta noite para lá e vi que a capoeira continuava sem guarda e é por isso que venho ter consigo. O ganho será dividido ao meio.



— Está bem, está bem, conte comigo; ás onze horas lá estarei ao pé do muro.

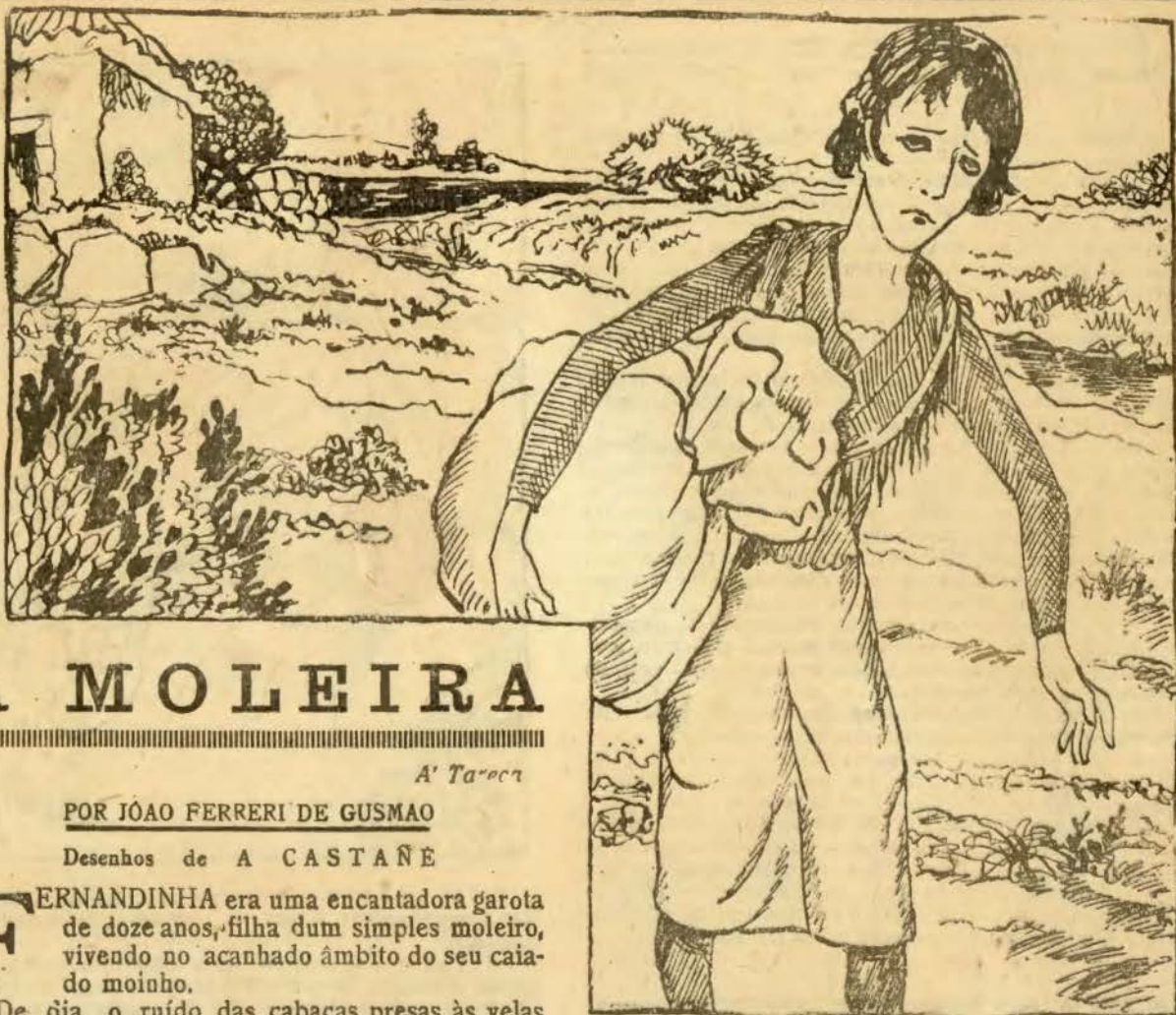


Ás onze horas o lobo e a raposa estudavam a melhor maneira de entrar, sem que os galináceos os acusassem.

De repente, a raposa segreda muito contente: — Achei! Vê aquele buraco? Parece estar a convidar-nos...

E, sorrateiramente, foi meter o focinho nele para ver para dentro, mas... O buraco ocultava uma ratoeira que se fechou, fazendo-a soltar um enorme grito que despertou o regedor. Este acorreu pressuroso, armado com a espingarda, tendo conseguido alvejar também o lobo que fugia.

fimmamum!



A MOLEIRA

A' Tarca

POR JOAO FERRERI DE GUSMAO

Desenhos de A CASTAÑE

FERNANDINHA era uma encantadora garota de doze anos, filha dum simples moleiro, vivendo no acanhado âmbito do seu caído moinho.

De dia, o ruído das cabaças presas às velas demonstrava a actividade daqueles dois entes que levavam a existência a pensar no pão que alimentaria o seu semelhante.

Moiam desde pela manhã até à noite e a farinha ia-se acumulando no pavimento entre as leiras estendidas, produzida pelo contínuo rodar das mós, que assim transformavam o loiro trigo.

Um dia, em que ela foi levar uns sacos de farinha, e enquanto se revia no produto dos esforços empregados, o pai, o Ti Manel, era apanhado pela engrenagem e, triturado, esmagado, até ficar numa massa informe!

Tinha querido arranjar o rodado sem fazer parar o moinho; mas o vento, traíçoeiro, desviou o tecto movel e o Ti Manel foi colhido. Pobre Ti Manel!...

Fernandinha encaminhou-se para o moinho contando o dinheiro com satisfação.

Ao entrar, porém, o seu coração confrangeu-se e, num choro aflitivo, olhou o sangue que de cima vinha manchar a alvura da farinha tão imaculada como a sua alma

Subiu a escada, trémula, querendo ver e tendo medo de olhar. Lá estava o pai numa massa informe: o crâneo esfacelado, as pernas e os braços partidos!

Que iria Fernandinha fazer, sòzinha, no mundo, sem o seu querido pai?!

Compôs primeiro aquele corpo despedaçado,

enquanto as lágrimas lhe lavavam o rosto infantil a que o trágico acontecimento imprimia traços de infinita dor e, ajoelhando, beijava-o com carinho.

Assim se conservou, velando aquele cadáver querido, até que a manhã rompeu e com ela a necessidade de voltar ao seu labutar.

Enquanto as vizinhas tratavam das formalidades do enterro, viu-se a nossa Fernandinha, embora através do seu véu de lágrimas, remover a farinha ensangüentada, lavar as mós, deitar novo trigo na de cima e fava na de baixo.

Fernandinha era franzina, delgada, flexível, Nunca brincara; não sabia o que era uma boneca. Desde muito novinha que a mãe lhe tinha morrido e ela se vira a braços com a vida.

Contudo Fernandinha, a encantadora garota de doze anos, novamente experimentada pela fatalidade, toma conta do moinho, encarregando-se de moer os grãos de trigo, loiros como os seus cabelos!

O seu vestuário é negro e simples, o que realça ainda mais a sua juvenil formosura.

.....
De quem é, agora, a Quinta da Moleira? E' de Fernandinha, uma encantadora mulher de vinte e cinco anos.

Casou? Não! Trabalhou.

FIM

Lições (Continuado da primeira página)

Nessa altura, a voz grave e doce da Mãe fez-se ouvir na sala ao lado.

— Não ouves a «Miss», Fernando? Vai estudar as lições! A'queia ordem dada pela voz querida da sua tão grande amiga e confidente, Fernando levantou-se e, embora de má vontade, foi buscar à sua secretária os seus livros e cadernos. Com um gesto de enfado começou a escrever os exercícios, massadores e monótonos, tão desconexos nas suas frases sem sentido, que, comparados às lindas histórias que a Mãe lhe contava ou êle lia entusiasmado, era o mesmo que um cardo... e uma rosa.

Passou meia hora no mais absoluto silêncio, escrevendo, contando, rabiscando sem gosto, mesmo um tanto impaciente, até que chegou a vez das lições de cór.

Nêsse momento pegou, ao acaso, num dos seus livros, abriu junto do sinal que marcava a lição e, com voz monótona, como um realejo, lia em voz alta, fechava o livro, e, com o mesmo sem interesse, repetia as palavras estranhas e esquisitas, com os olhos fechados e uma cara tão ratona, tão aborrecida que a Mãe, que o viera espreitar, desatou a rir, embora uma expressão desgostosa, desolada, se lhe divisasse nos grandes olhos francos e cheios de doçura.

— Como tu dizes essas cousas, Fernando? E' impossível que te fique qualquer coisa na cabeça! exclamou, sentando se junto da secretária, cheia de cadernos e livros, no maior demazelo e barafunda.

— Fica, fica. Que remédio tenho eu senão meter esta porcaria tôda dentro da cabeça?! resmungou êle.

— Oh! Fernando, como podes chamar *porcaria* à Nossa História? Isso nem parece teu, meu filho, que tanto te entusiasmas com as histórias que às vezes te conto!

— Ora, bôa comparação! Se tivesses que dizer ao Pai como eu, quando nasceu o príncipe tal e em que data o rei X. P. T. O. andou a unhada aos espanhóis, sempre queria ver se lhes achavas tanta graça. Que me importa a mim saber quando morreu o D. João I e em que ano foi descoberta a Índia! declamou o pequeno muito irritado



Mas ao ver o rosto penalizado e triste da Mãe, veio a jogar numa almofada, a seus pés, com um ar ternamente arrependido;

— Já sei que te contrarió com estas cousas! Mas que queres, Mãezinha, eu com o Pai não gosto nada de estudar. E' tão severo, tão rabujento! Está sempre a *tocar a pa vana!*

D. Leonor sorriu, acariciando-lhe a cabeleira anelada e revolta, enquanto lhe segredava meigamente:

— Não debes dizer isso, meu filho; teu Pai é tão teu amigo! Se te ralha é porque és mandrião, não sabes as lições.

Fernando ergueu-se de repelão e, com os olhos a chispar zanga e protesto, exclamou:

— Eu sei sempre as lições, Mãezinha; e, depois de hesitar uns segundos, murmurou cheio de franquesa: — o que eu não sei, o que não percebo é nada do que digo.

E, como a Mãe o olhasse admirada, emendou:

Eu percebo, sabes?! Mas o que não sei é o que as palavras querem dizer. Percebes o que eu digo?

A Mãe sorriu-lhe, baixando a cabeça e, enlaçando-o ternamente pela cintura, perguntou:

— O Paizinho não te explica o sentido das palavras? Fernando riu de comisseração por aquela iguorância das verdidades do Pai.

— Pois tu não sabes que o Pai não gosta que lhe esteja sempre a fazer perguntas a tôdo o momento?

E, como eu não percebo bem muitas daquelas cousas que digo, aborreço-mo e, às vezes, esqueço-me de metade.

D. Leonor olhava pensativamente para o filho, absorvida naquele problema que, embora de fácil solução, representava um difícil caminho a seguir. Era-lhe necessário muito tacto, muita diplomacia para ajudar seu filho a desenvolver a sua inteligência, criando-lhe o amor pelo estudo, mas sem lhe demonstrar que não estava de acôrdo com o método usado pelo Pai.

E foi depois de pensar uns momentos, que segredou com um ar cúmplice e cheio de bom humor:

— Queres fazer uma combinação comigo? Eu ensino-te tôdas as palavras que não souberes, explico-te as tuas lições e tu, em troca, vais estudar muito. Para suavisar o teu trabalho conto-te tôdas as tardes uma história, valeu?





Um impetuoso abraço foi a resposta do filho que, apontando para o livro que ainda conservava na mão, pediu:

— Explique-me um bocadinho, Mãe, para ver como é?!

D. Leonor abriu o livro, ao acaso, e, dando-o a Fernando para ler, disse:

— Lê esta passagem.

— «D. Manuel, não seguindo as tradições de tolerância do seu antecessor e cedendo às exigências da princesa que desposara, mandou expulsar do reino os judeus que se não quizessem converter à fé cristã». Leu o pequeno com grande atenção.

— E que percebeste tu?

Fernando respondeu sem hesitar.

— Que ele mandou expulsar os judeus.

— Mais nada?

— Para fazer a vontade à princesa; at'hou ele prontamente.

— Mas que princesa era essa? perguntou a Mãe, olhando fixamente o rosto embaraçado de Fernando.

— Isso é que eu não sei! confessou ele encolhendo os ombros.

— Então, no livro diz: — *Que é'e desposara!*

— Pois foi.

— Mas tu sabes o que quer dizer desposar?

— Eu não; foi a resposta franca.

— Quere dizer, com quem D. Manuel casara.

— Então era a noiva d'ele, não era?

— Pois claro! exclamou, rindo, a Mãe?

— Que engraçado. Casar e desposar é a mesma coisa!

Não sabia!

D. Leonor fitou-o, entre incrédula e admirada.

— E tradição o que é, sabes?

— Eu não. Nem a outra palavra a seguir, tolerância, nem antecessor. Se não me explicas... fico a zero!

D. Leonor sorriu divertida e, com um ar muito persuasivo, começou a explicar:

— Olha, ouve cá: — tradições de tolerância do seu antecessor, quer dizer que não seguiu o exemplo de benevolência do rei que o tinha precedido, isto é, reinado antes d'ele. Tolerância, aqui, é o mesmo que Bondade, Benevolência. Tradições, é o caminho, as pisadas, o exemplo dado por outros. Percebes?

— Perfeitamente. Ele não imitou o D. João II, era mau e pôs os judeus daqui para fóra.

— Isso é exagerar; não é que ele fosse mau, mas era fraco, ou foi fraco nesse momento; deixou-se dominar pelas

exigências da mulher. Sabes o que são exigências, não sabes?

Fernando carregou o sobrolho, para concentrar mais o pensamento e, depois duma breve hesitação, disse entre convicto e duvidoso:

— Exigências... é pedir assim uma coisa... como hei-de dizer?!... com sete pedras numa mão! explicou triunfante.

— Pouco mais ou menos. Ou antes, ainda é pior porque é mandar sem condições, numa ameaça; o mesmo que eu te dizer: — Se tu não me dás aquele livro, não te levo ao teatro.

— Se fosse eu o rei não lhe fazia a vontade só para lhe mostrar que não tinha medo dela. Exclamou Fernando muito indignado. Se me exigisse qualquer coisa, eu lhe mostraria quem é que mandava!

D. Leonor seguia, divertida, as diversas expressões que o rosto do filho reflectia e foi com uma gargalhada que acolheu aquela tirada entusiástica.

Outra vez seria, murmurou com voz triste.

— E depois, obrigá-los a renegar a sua fé, com os meios que empregaram, foi cruel. Sabes o que é converter à fé cristã?

— Para ser franco... não sei muito bem! exclamou em ar confidencial.

— Olha... como se te quizessem obrigar a não acreditar no teu Deus, e quizessem que adorasses qualquer outro; o sol, por exemplo ou Buda como os Indios.

Fernando corara de indignação.

— Parece impossível! E eles... o que fizeram?

— Coitados, o que haviam de fazer, deixaram-se baptisar para salvar a vida, e os que não quizeram... mataram-os no meio de torturas... Em autos de fé...

— Ah? isso não expliques, Mãezinha, já sei. Vi uma gravura e bastou; que malvadez! exclamou Fernando cheio de horror.



D. Leonor sabia que o filho se impressionava facilmente com qualquer mal, sucedido a pessoas mesmo que nunca as tivesse conhecido; por isso desviou o assunto, demasiado triste e sério para os seus poucos anos.

— Então?! exclamou pondo-lhe a mão no ombro. Compreendes-te melhor esse bocadinho que lêste? O rosto de Fernando animou-se de alegria.



— Oh! sim, Mãezinha, e nunca mais me esqueço desta passagem. Assim, sim, é engraçado estudar, parece que estou a ler contos.

— Pois, então, verás como vais gostar da Nossa História. Tem passagens tão lindas, tão nobres, que não há contos de fadas, por mais lindos, com mais belas aventuras, e príncipes e reis tão bons, tão valentes como os nossos! Verás como gostas! persuadiu a Mãe, os olhos scintilantes de alegria por ver que, enfim, o filho começava a interessar-se pelo estudo.

Quando, no dia seguinte, o dr. Menezes abriu o livro severamente, ao acaso, para ter a certeza de que o filho sabia bem toda a história, ficou maravilhado como Fernando lhe soube explicar, por palavras suas, a expulsão dos judeus. E, sobretudo, com o entusiasmo, o calor, com que se animou ao explicar-lhe esse triste episódio, esquecido da costumada timidez e senhor das suas afirmações.

Só mais tarde quando, daí a algumas horas, conversando com sua mulher, lhe disse a sua admiração pelo sucedido, teve a explicação do enigma e, convencendo-se de que D. Leonor fôra melhor fadada do que ele, para explicadê-lo, resol-

veu dividir a tarefa ao meio e compartilharem ambos da nobre e bela missão de ensinar o filho.

Quem ganhou com isso foi Fernando que, perdido o temor pelas horas das lições, em breve tirou resultados surpreendentes e pôde deliciar-se com os contos que a Mãe lhe prometera e eram sempre tão lindos e cheios de interesse.

A própria gramática, aritmética e geografia, que dantes o faziam bocejar, lhe apareciam com novos atractivos.

Só nos aborrece aquilo que não compreendemos, O estudo é sempre belo e cheio de imprevisto para quem a ele se dedica com amor e inteligência.

Pelo menos é esta a minha opinião e a de Fernando, hoje médico e um rapaz de valor, o qual diz passar as horas mais felizes da sua vida, entre os livros de estudo, os melhores amigos de todos os momentos.

Para verem se Fernando diz a verdade, imitem-no, meus bons amiguinhos, e só assim poderão certificar-se de quem tinha razão.

F I N

ENIGMA PITORESCO

Palavras Cruzadas

Solução

— Estou em maré de azar!... Completamente depenado!... Ah se eu, ao menos, tivesse um revolver!

— Para quê? Querias matar-te?

— Não; era para vendê-lo!...



Solução do problema anterior

Ao chegar a casa

A mãe: — «Porque choras, Zézinho?»

Zézinho: — «Porque o professor me perguntou onde estavam as Berlengas e eu não soube responder-lhe».

A mãe: — «Bem feito. Tu nunca sabes onde pões as coisas!»

HORA DE RECREIO

A D I V I N H A

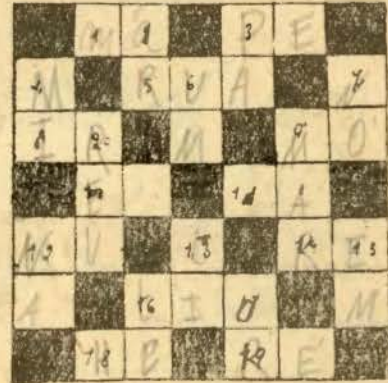
P R O B L E M A



leão
leão
leão
leão
leão
leão

ABILIO
RIBEIRO
DE MOURA

COIMBRA, 1930



Palavras Cruzadas
HORIZONTAIS:

1—Ruim. 3—Parte do corpo. 5—Caminho orlado de casas. 8—Verbo. 9—Do moinho. 10—Pronome. 11—Advérbio. 12—Despido. 14—Nota musical. 16—Parente. 18—Interjeição. 19—Feminino de Reu.

VERTICAIS:

2—O que se respira. 3—Instrumento de padeiro. 4—Pronome. 6—Artigo. 7—Laço muito apertado. 9—Grande porção de água salgada. 20—Acusado dum crime. 10—Pronome. 12—Preposição e artigo. 18—Pronome. 15—Preposição. 16—Pronome. 17—Ouro em francês.

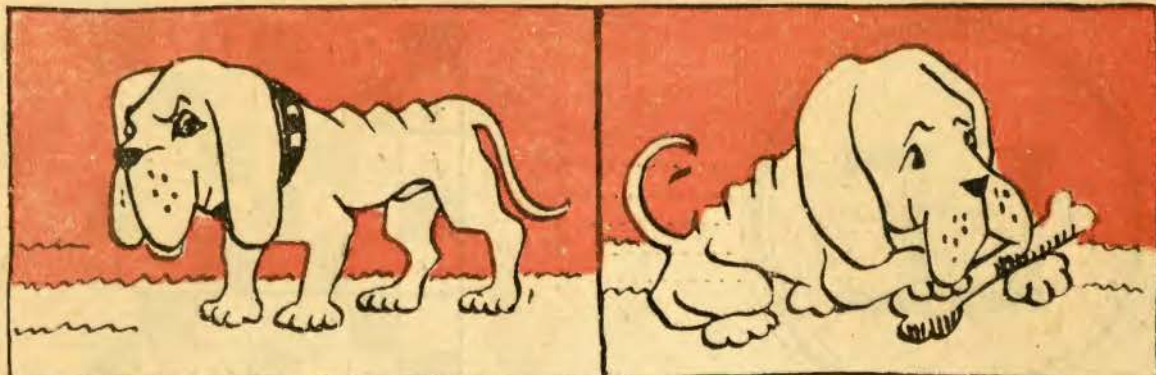
Juntar duas letras á sílaba LE, de maneira a formar palavras com a seguinte significação:

- 1—O Rei dos animais.
- 2—Que é fiel.
- 3—Aparelho que existe nos navios.
- 4—Que pesa pouco.
- 5—Que é alegre.
- 6—Tempo do verbo legar.

PARA OS MENINOS COLORIREM

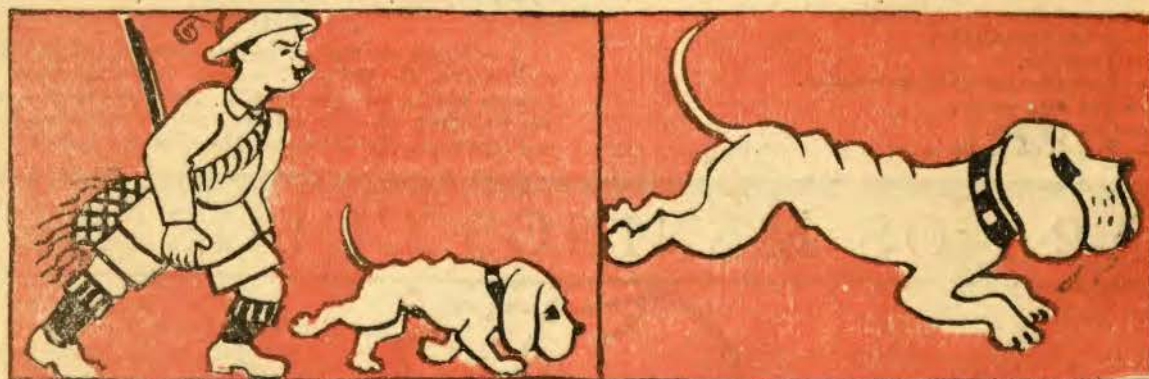


ZÊ MARIA E O SEU CÃO



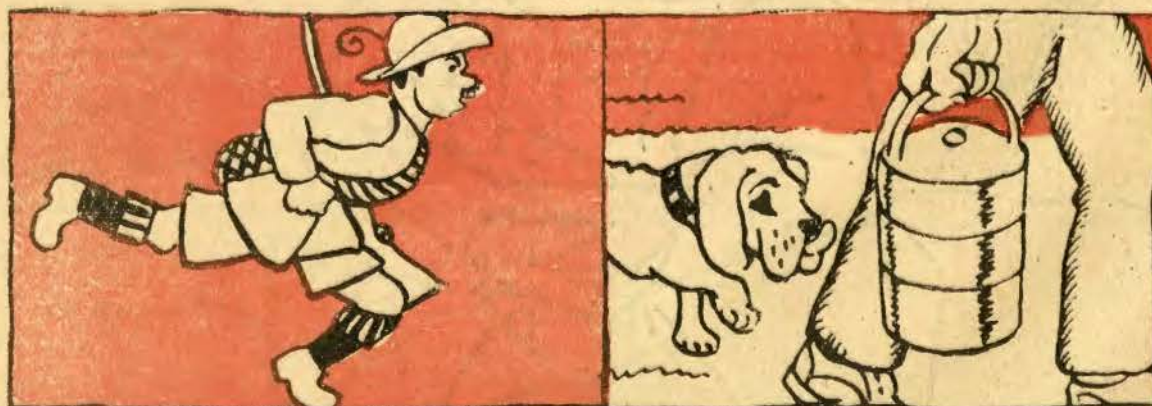
O cão do «Ti Zê» Maria, um exemplar muito raro, imensamente corria e possuía um bom faro.

Porque chegue o hora da caça, ei-lo já num alvoroço, enquanto a hora não passa, vai roendo um simples osso.



Emfim, chega o Zê Maria armado da caçadeira e eis que logo lhe assobia lá duma certa maneira.

Nisto, um cheirinho a perdiz — (dir-se-ia de fricassé) chega ao focinho e ao nariz do cachoro e do Ti Zê.



Em correria tamanha vai o cão do Zê Maria ... — « Com certeza que ele a apanha; comsigo, o dono dizia.

Porém — (ai que decepção!) — deram com certo impedido que levava ao capitão um jantar bem fornecido.